



# LINGUAGEM SIMBÓLICA COMO PONTE

## SYMBOLIC LANGUAGE AS A BRIDGE

**Maria Celina de Queirós Cabrera Nasser**

Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP.

---

## RESUMO

A linguagem é a expressão do pensamento e da experiência dos homens e mulheres, e estes são compreendidos como seres que estabelecem relações consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com o mundo, com o cosmos e com o transcendente. Em cada relação encontramos vários tipos de linguagem (conjunto de gestos, sons ou impressões escritas). Destacamos dois: a linguagem denotativa: direta, objetiva, na qual não há dúvidas sobre o seu significado – aqui encontramos os conceitos e definições; e a conotativa: indireta, subjetiva, com mais de uma possibilidade de compreensão – aqui estão os símbolos, a poesia, a arte, as religiões. Compreendida como o meio no qual as relações acontecem, a linguagem recorre ao símbolo quando há um excesso de vida que precisa ser expresso, uma vez que o símbolo, verbal ou não-verbal, contém um sentido invisível e mais profundo e serve como ponte para ligar duas metades que juntas dão sentido (significado e direção) a um todo. O bloqueio da linguagem simbólica tem como consequência o fechamento do pensamento em única dimensão ou a perda dos referenciais e do sentido.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Linguagem; Símbolo; Linguagem simbólica; Signo; Ponte.

---

## ABSTRACT

Language is the expression of the thoughts and of the experience of men and women, who are understood as beings who establish relations with themselves, with other, with nature, with the world, with the cosmos and with the transcendental. In each relation several types of language – a group of gestures, sounds or written impressions – are found. We contemplate two of them: the denotative language: direct, objective, in which there are no doubts as to its meaning – here we find the concepts and definitions; the connotative language: indirect, subjective, with more than one possibility of understanding – here are the symbols, poetry, art, religion. Language, here is understood as the means where relations happen, turns to symbol when there is an excess of vitality in need of expression, once the symbol – verbal

or non-verbal – contains an invisible and deeper meaning and serves as a bridge to connect two halves which together give meaning (signification and direction) to a whole. Blocking the symbolical language results in the enclosure of thoughts in only one dimension or the loss of references and meaning.

## KEYWORDS

---

Language; Symbol; Symbolical Language; Sign; Bridge.

**A** linguagem pertence ao campo do pensamento humano. Vale ressaltar que, ao se falar em pensamento, fala-se, também, em experiência.

*A oposição entre experiência e pensamento é o primeiro falso lugar-comum que convém remover. [...] a experiência não é senão a face do pensamento que se volta para a presença do objeto (VAZ, 1992, p. 241).*

Pensamento e experiência não existem sem uma forma de expressão. Essa expressão se dá por meio da linguagem.

Este artigo trará uma leitura do símbolo, em especial, uma leitura que nos leve à compreensão da linguagem simbólica como uma ponte. Para tanto, será apresentado o símbolo na linguagem, entendida como o terreno em que as relações humanas acontecem. A noção de símbolo apresenta uma variedade de definições. Quando se refere à linguagem, muitas vezes ele é tomado como sinônimo de signo. A diferenciação entre signo e símbolo será necessária para a exposição deste trabalho.

Em seguida, será destacada a função transcendente do símbolo em Carl Jung para a composição da noção de linguagem simbólica como ponte.

## 1. LEITURAS POSSÍVEIS DO SÍMBOLO

---

O símbolo apresenta uma série de compreensões e dimensões, trabalhadas seja pela linguagem, seja pela filosofia ou pela psicologia; e, em cada área, mostra certa diversidade

de definições. As leituras possíveis do símbolo passam pela simples representação de alguma coisa até pela revelação dos segredos do inconsciente, da alma e do espírito, conduzindo aos labirintos da ação, abrindo espaço para o desconhecido e o infinito.

A primeira leitura a ser realizada será por meio da linguagem, na qual buscaremos a compreensão de símbolo na sua relação com signo.

---

## 2. O DINAMISMO DA LINGUAGEM

Cada época ou cada civilização, conforme o conjunto de seus conhecimentos, de suas crenças e de sua ideologia, responde de diferente maneira e considera a linguagem em função dos modelos que a constituem (KRISTEVA, 1998, p. 13).

O primeiro ponto que nos chama a atenção na linguagem diz respeito à sua “origem”. Usando a música como fio condutor de seu trabalho, Thais Curi Beaini (1994, p. 12) apresenta o som como “a matéria-prima da Música, do ritmo, da Linguagem, da dança, da Festa, unindo o deus criador – que o produziu – às criaturas – que o reforçam – em sua capacidade de ressonância”. Para ela, os homens foram fecundados pelos deuses com a linguagem,

impulso vital que substancializa aquele que, dentre todos os entes, traduz a sua similitude com o recolhimento dos criadores. [...] Criar significa nomear, essencializar (BEAINI, 1994, p. 24).

Para o homem primitivo, a palavra possui a força mágica de interferir e de controlar as forças da natureza. Esses sons, inicialmente, sem muita estruturação lingüística, passam por mudanças e transformações que, aos poucos, vão tomando corpo. A repetição do mesmo som associa-se a uma realidade e se transforma em um nome. Ao dar nome às coisas da natureza, o homem passa a discriminá-las, diferenciá-las e a identificá-las como suas. Isto é, a existência das “coisas”

passa a ter um significado para ele. A existência delas agora é possível, pois elas já têm um nome. As vibrações que o som produz, com a expiração do ar, um dos meios em que se dá a propagação do som, interferem na vida dos seres que vivem neste mesmo meio, uma vez que essas vibrações ressoam nos seres que compartilham do mesmo ar. O ar é um elemento material que circunda, envolve e penetra todos os seres, além de ser aquele que lhes proporciona viver.

Na respiração, no momento da inspiração, o ar penetra nas pessoas e com ele vêm as vibrações dos sons que se misturam e se combinam com as vibrações do próprio corpo e da vida de cada um.

Quando a expressão oral, aqui entendida como som (imagem acústica), inicialmente copiada da natureza, passa para a função semântica (significado), entra no campo do *logos*, adquirindo força e estabelecendo o princípio do universo e o princípio do conhecimento. A lógica encontra campo fértil para se instalar quando a linguagem se concretiza na palavra (signo lingüístico completo, com significado, significante e signo. Esses conceitos são mais bem apresentados no próximo item deste trabalho). Com a palavra, o pensamento começa a ser organizado e orientado.

Conhecendo o som do vento ou da água, o cantor participa da totalidade cósmica e, ao captá-la, a transfigura em símbolos onde repousa a dinâmica do Sagrado. Interferir na Natureza, buscando-lhe a medida, a exata proporção, combatendo os excessos ou a escassez: eis alguns dos poderes conferidos ao mago-cantor, poeta, que, magicamente, circunscreve o real, como os deuses outrora o fizeram (BEAINI, 1994, p. 47).

E assim o homem foi emitindo sons, copiando, inicialmente, da natureza, elaborando uma musicalidade que, com o tempo, começou a ter sentidos (direção e significado) cada vez mais precisos e mais amplos.

[...] o homem inventou ele mesmo a linguagem, [...] o fez a partir das sonoridades da natureza viva, [...] e dessas sonoridades fez características para uso do seu superior entendimento (HERDER, 1987, p. 74).

### 3. A LINGUAGEM – TERRENO DAS RELAÇÕES

---

Após o surgimento da linguagem, ela passou a ser o meio pelo qual acontece o desenvolvimento do espírito humano. Presente em todas as relações que o homem estabelece, é com ela que se tece o tecido no qual se sustenta a vida. Uma “rede de palavras”, conforme nos apresenta Rubem Alves (1984, p. 4):

E sobre estas redes as pessoas se deitam.  
É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.  
Como é que as palavras se amarram?  
É simples.  
Com o desejo.  
Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.  
Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.  
E tudo se faz com as palavras e o desejo.

Não há espaço vazio. No espaço existe uma rede, às vezes mais larga, às vezes mais apertada, na qual as vidas, sejam elas quais forem, sustentam-se. A linguagem faz parte dessa rede com suas palavras. De um ser a outro, o espaço é preenchido pela linguagem – terreno no qual acontecem as relações. Muitas vezes as relações são de silêncio, e a linguagem muda está presente. Nessa rede, uma palavra mais pesada altera a posição do outro. Experimente deitar-se numa rede; qualquer movimento balança tudo. O movimento em uma ponta traz conseqüências para a rede toda. Agora, coloque outra pessoa na mesma rede; qualquer movimento terá conseqüências, sejam elas de peso, intensidade e direção. O mesmo ocorre com as palavras que dizemos ou escrevemos. Elas interferem, pois fazem parte da rede. Dentre as palavras, as de mais peso são os verbos, pois revelam a ação.

Dos verbos – ação – caminhou-se para os nomes – coisas – e desses para os símbolos. A necessidade que o homem tem de expressar-se é mais forte que o nome das coisas. Vai além delas. Ao expressar-se, o ser humano expõe seus valores, suas crenças, suas idéias, enfim, relaciona-se com o outro. O

recurso ao símbolo amplia o sentido – significado e direção – da mensagem, respondendo ao excesso do ser humano, quando transborda a si mesmo.

Qualquer que seja o momento histórico,

*a linguagem é uma série de sons articulados, mas também é um conjunto organizado de marcas escritas (uma escrita) ou um jogo de gestos (gestualidade) (KRISTEVA, 1998, p. 14).*

Julia Kristeva ainda nos fala sobre a materialidade da linguagem, escrita ou gesticulada, que produz e expressa, ou seja, comunica, um pensamento. “O que significa que a linguagem é a única forma de ser do pensamento e, ao mesmo tempo, sua realidade e sua realização” (KRISTEVA, 1998, p. 14).

Ernst Cassirer (1977), ao considerar o homem um “ser simbólico”, define a linguagem como a forma que expressa os gritos de aflição, de dor, de fome, de medo ou susto. Afirma ser a linguagem, por natureza e essência, metafórica, na impossibilidade de se descreverem diretamente as coisas. Para Herder, a linguagem é a expressão da alma e expressa as dores, os sofrimentos, as angústias, alegrias e prazeres.

*Chama por um eco que lhe seja idêntico no sentir, mesmo quando tal eco não está presente, mesmo quando não tem esperança de que esse eco lhe responda (HERDER, 1987, p. 26).*

Ao chamar por um eco, espera mais que um eco. Espera alguém que lhe possa responder e suprir uma falta, uma ausência, que só outro ser tão infinito quanto ele pode preencher. É a necessidade da relação que estabelece a expressão por meio da linguagem, e é a necessidade da comunicação que estabelece a relação. Assim foi desde o princípio.

Segundo Julia Kristeva (1998), para compreender a linguagem, tem-se de seguir a seqüência – história – do pensamento humano, antes mesmo da constituição da lingüística como ciência particular.

A linguagem como objeto de estudo (substância sonora portadora de sentido) apresenta as seguintes visões:

- Da época cristã até o século XVIII, tinha-se uma visão teológica da linguagem, para a qual o problema central

era a origem da linguagem. Atribuía-se-lhe uma origem divina. Outro ponto estudado eram as regras universais de sua lógica<sup>1</sup>.

- O século XIX, dominado pelo historicismo, considerava a linguagem como desenvolvimento, mudança e evolução ao longo do tempo<sup>2</sup>.
- Hoje predominam as visões de linguagem como sistema, e os problemas de funcionamento desse sistema. Com a Informática e os grandes sistemas de comunicação, a linguagem passa a ter uma nova compreensão e utilização, principalmente no que se refere à construção da opinião pública.

A partir dessas colocações, a distinção entre linguagem, língua, fala e discurso ajuda a clarear e a aprofundar ainda mais a compreensão de linguagem.

A linguagem é matéria do pensamento, da experiência e elemento próprio da comunicação social. Não sendo estática, ela se transforma durante as várias épocas e toma diferentes formas entre os diversos povos. A língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo; não é modificável pelo falante e parece obedecer às leis (código lingüístico) de um contrato social que seria reconhecido por todos os membros da comunidade.

A fala pode ser compreendida como um ato individual de vontade e inteligência, a parte individual da linguagem, a realização da língua.

O discurso é a manifestação da língua na comunicação viva e implica a participação do sujeito em sua linguagem, mediante a fala do indivíduo, e designa qualquer enunciação que integre, em suas estruturas, o locutor e o ouvinte, com o desejo, por parte do primeiro, de influenciar o outro.

Como uma primeira conclusão, podemos delimitar a noção de linguagem (conjunto de sons articulados, marcas escritas e gestos) como uma realização do pensamento e da experiência humanos, na sua totalidade, além de ser um elemento próprio da comunicação social, para a construção das sociedades. A linguagem é o meio no qual ocorrem as relações humanas. Ela possibilita a organização do pensamento, favorecendo o conhecimento e o autoconhecimento dos homens e mulheres, através das épocas e civilizações. A linguagem

<sup>1</sup> Nesta época, como em qualquer outra, há o desenvolvimento da linguagem conforme o pensamento e a visão de mundo dominantes. Tanto a origem divina, dando poder e força mística às palavras santas, como sua organização, que seguia as regras universais da lógica (organização do cosmos), tiveram desdobramentos não só na compreensão da linguagem como também na sua expressão artística – poesia, música, arquitetura, teatro, pintura, escultura etc.

<sup>2</sup> O historicismo passa a compreender a linguagem não na sua origem divina, mas como um fenômeno passível de mudanças e de transformações ao longo do tempo. A linguagem passa a ser compreendida dentro de um processo histórico.



organiza e exercita o pensamento, expressa as experiências e constrói a história por meio da memória.

O esquecimento desorganiza e desorienta os homens, que, sem a lembrança do seu passado, expresso pela linguagem e concretizado em uma língua com a palavra, se vêem impossibilitados de construir o futuro e de reconhecer o presente. O esquecimento desprende qualquer raiz que se tenha, qualquer vínculo que se estabeleça com alguém, com um grupo, com uma causa, com uma vida. Nas histórias de heróis, um dos grandes desafios é passar pelo “mar do esquecimento”. Lá o herói enfrenta a ausência de passado, de valores, de nomes, do sentido da vida. Perde sua identidade e com ela sua história.

Se o esquecimento acarreta tantos transtornos, pode-se prever o que ocorre quando há o bloqueio da linguagem. Para Vygotsky (1989, p. 132):

*As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.*

Sobre a relação entre pensamento e palavra, Vygotsky (1989, p. 131) diz:

*A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica.*

Essa modificação, seja do pensamento, seja da palavra, ocorre num tempo. É num tempo que se dá a ação. O Tempo, tema tão complexo para nossa compreensão, na linguagem passa a ter um sentido, seja como significado, seja como direção. Os verbos que expressam as ações, indicando o momento em que elas ocorreram, possuem um tempo específico, tão difícil de ser compreendido nas aulas em que se ensinam as diferentes línguas. Por exemplo, na língua portuguesa, o presente do modo indicativo talvez se apresente como um dos mais fáceis, embora saibamos que o presente, no segundo se-

guinte, transforme-se em passado. Então, vejamos o pretérito perfeito, esse, sim, de fácil compreensão, pois sabemos que a ação já aconteceu e não pode ser alterada. Como aceitar, então, o pretérito imperfeito e, o pior deles, o mais-que-perfeito? Como uma ação pode ser mais que perfeita do que outra? Sem falar do modo subjuntivo (sub-juntivo: as ações não acontecem num mesmo plano). Porém, reduzir o tempo ao tempo verbal gramatical não só simplifica um problema de grande complexidade, mas também deixa de lado a temporalidade do tempo<sup>3</sup>.

O que se tem, ao analisar o tempo na linguagem, é a tentativa de localizar um fato ou um acontecimento no momento em que ele ocorreu, ou ocorre, ou está ocorrendo. O que não significa congelá-lo nesse tempo, aprisioná-lo nem ter domínio sobre ele. É apenas um relato para outra pessoa ou grupo de pessoas que necessitam de referenciais para compreender a mensagem. Sem os referenciais, não há resposta para a pergunta sobre “quando”, e sem o quando a memória passa a ter dificuldades para registrar os fatos.

O homem precisa da memória para que se lembre de si, dos outros, do mundo, para que construa a sua história e se recorde do Criador. A memória registra o nome que damos às coisas para que assim possamos reconhecê-las.

[...] o Homem recebe a dádiva da Memória – contida na força do seu imaginário, simbologia, Linguagem, dança e Música – ponte que lhe permite permanecer em contacto com o Sagrado, na esfera que cumpre o ciclo de seu elevar-se rumo ao divino, ao imortal. A condenação humana a enclausurar-se na temporalidade, concomitantemente, o liberta: na transcendência outorgada a este mortal, privilegiado dentre todas as outras criaturas (BEAINI, 1994, p. 43).

A partir de uma visão religiosa, podemos aceitar a idéia de que o Criador tenha colocado na criatura a capacidade de transcender para poder comunicar-se com ela. Deu a ela o mapa para orientá-la. Por meio da memória, podemos lembrar de um tempo fora do tempo, anterior ao hoje. A memória é matéria a partir da qual podemos construir pontes.

A linguagem utilizada na comunicação com o Criador estrutura-se na capacidade que o homem tem de transcender. Capacidade de dizer o indizível. Ao bloquear essa linguagem,

<sup>3</sup> O tempo na criação do mundo, por exemplo, poderia ser olhado pelo Verbo: o Deus cristão é Verbo. Do Verbo vieram os nomes – a criação.

interrompe-se o diálogo com o Criador. Sem ponte para atravessar o abismo que separa os homens do Transcendente, resta o isolamento, a solidão, o esquecimento, a estagnação.

Gaston Bachelard (1990, p. 45) diz que:

Para se ligar ao passado, é preciso amar a memória. Para se desligar do passado, é preciso imaginar muito. E são essas obrigações contrárias que colocam em plena vida a linguagem.

A linguagem utilizada para expressar o que ainda não está claro, ou o que não se tem ainda certeza do que seja, recorre ao símbolo. Porém, o símbolo, na linguagem, muitas vezes é confundido com signo. Uma distinção entre essas duas noções se faz necessária para tornar mais precisa sua compreensão.

## 4. O SÍMBOLO NA LINGUAGEM

---

Dos verbos vieram os nomes. Dos nomes vieram os símbolos.

Na linguagem, o símbolo aparece, para alguns autores, como sinônimo de signo. Umberto Eco (1971) explica que, para Charles Peirce, o signo – alguma coisa que está para alguém em lugar de outra sob algum aspecto ou capacidade – é uma relação tríade que se estabelece entre um “objeto”, seu representante e a interpretação.

[...] na base se acha o símbolo ou representâmen, colocado em relação a um objeto que representa; no vértice do triângulo, o signo tem o interpretante, que muitos foram levados a identificar com o significado e a referência [...] Todavia, a hipótese aparentemente mais fecunda é a que vê o interpretante como outra representação relativa ao mesmo objeto [...] A linguagem seria então um sistema que se esclarece por si mesmo, através de sucessivos sistemas de convenções que se explicam reciprocamente (ECO, 1971, p. 25-26).

A interpretação, portanto, é uma espécie de base sobre a qual se instaura a relação objeto-signo e corresponde à idéia, no sentido platônico do termo, uma vez que o signo não representa todo o objeto, mas, apenas, uma idéia dele.

A relação entre o signo e o objeto pode ser dividida em três categorias:

- “o ícone” – refere-se ao objeto pela sua semelhança com ele. Por exemplo, o desenho de uma árvore que representa a árvore real e que se parece com ela.
- “o índice” – não se parece, necessariamente, com o objeto, mas recebe uma influência dele e, por isso mesmo, possui algo em comum com o objeto. Por exemplo, a fumaça é índice de fogo, ou seja, indica a presença de fogo.
- “símbolo” – refere-se a um objeto que designa, por uma espécie de lei ou convenção, uma idéia. Por exemplo, signos lingüísticos.

Assim, o signo em relação ao objeto assume distinções, conforme a função que a relação exerce. Quando a relação é de semelhança entre signo e objeto, temos um ícone. Quando a relação é de um impulso imediato, de uma associação rápida, falamos de índice.

Um dos postulados básicos da lingüística é que o signo é arbitrário. Porém, essa arbitrariedade não é um ato voluntário individual, o que, por conseguinte, faz com que os signos não possam ser mudados de maneira aleatória. Caso isso ocorresse, a comunicação tornar-se-ia impraticável.

*Pelo contrário, o “arbitrário” do signo é praticamente normativo, absoluto, válido e obrigatório para todos os sujeitos que falam o mesmo idioma (KRISTEVA, 1998, p. 22).*

O homem pode modificar o significado, tornando-o mais rico ou mais pobre, dando sentido (direção e significado) ao universo, formando o Universo do Sentido, que é dinâmico e contínuo. É o que ocorre com a publicidade de um produto que tem alterado seu significado, conforme o interesse do dono do produto. Na política, também encontramos farto material de propaganda que “vende” a imagem do candidato, alterando alguns conceitos.

Em relação ao signo, o universo semântico é o conjunto de elementos que, em proporções diferentes, constrói a referência de determinado signo.

A partir dessas colocações, podemos afirmar que o símbolo na linguagem tem sido usado como sinônimo de signo, ou, então, como uma categoria do signo. Essa aproximação pode trazer confusões conceituais e, mais do que isso, uma redução do significado de símbolo. O símbolo, assim, fica preso em uma camisa-de-força, que o impede de representar.

Associar a noção de símbolo apenas à palavra escrita, ao signo lingüístico, e, pior ainda, à palavra tomada no seu sentido denotativo, é reduzir muito todas as possibilidades que o símbolo pode ter, leituras que dele podem ser feitas, ou seja, é impedir sua função transcendente. Esse ponto é de fundamental importância na relação com a transcendência, uma vez que o símbolo, nessa relação, possui um significado que vai além da sua referência, do seu conceito.

## 5. A FUNÇÃO TRANSCENDENTE DO SÍMBOLO

---

Para a compreensão da função transcendente do símbolo, usaremos conceitos de Carl G. Jung, trabalhados por Jolande Jacobi (1995).

Na compreensão junguiana, o símbolo precisa ter um esboço fundamental arquetípico. O arquetipo é um símbolo potencial:

[...] “o arquetipo em si” é, essencialmente, energia psíquica aglomerada, mas o símbolo é agregado pelo modo como a energia aparece e se torna justamente constatável. Nesse sentido, Carl G. Jung define o símbolo também como “índole e retrato da energia psíquica” (JACOBI, 1995, p. 73).

Para Jung, a nossa psique é formada pelo consciente – o ego – e pelo inconsciente – pessoal e coletivo. No inconsciente estão os arquétipos que se expressam por meio de símbolos.

A palavra símbolo (*symbolon*),

formada a partir do verbo grego *symbollo*, sempre teve que admitir as mais variadas definições e interpretações; no entanto,

todas elas concordavam no ponto em que, dessa forma, se queira designar algo que, por trás do sentido objetivo e visível, oculta um sentido invisível e mais profundo (JACOBI, 1995, p. 75).

E assim o homem foi emitindo sons, copiando, inicialmente, da natureza, elaborando uma musicalidade que, com o tempo, começou a ter sentidos. Recorrendo ao sentido originário e etimológico do termo, Eugenio Trías (em DERRIDA, 1997, p. 124) oferece um caminho:

Mais que de símbolo (substantivo), falar-se-á de “simbolizar” (forma verbal). Far-se-á, com efeito, referência à acção através da qual se “lançam ao mesmo tempo” (*sym-balein*) dois pedaços de uma moeda ou medalha partida que estipulam, à laia de senha, uma aliança.

Essa metáfora explica as partes da moeda ou medalha como sendo a “simbolizante” do símbolo a que fica conosco, e, ainda em Derrida (1997, p. 125):

A outra, aquela de que não dispomos, constitui essa outra metade sem a qual a primeira carece de horizonte de sentido: é aquela para que a primeira remete a fim de obter significação e sentido (o que, da parte simbolizante, constitui o que ela simboliza: aquilo que é nela simbolizado).

Eugenio Trías já anuncia a compreensão de símbolo como ponte que une duas metades separadas que, apesar de poderem existir assim, só assumem seu sentido quando se unem.

J. J. Bachofen, citado por Jacobi (1995, p. 75), diz:

o símbolo evoca a intuição; a linguagem sabe apenas explicar [...] O símbolo estende as suas raízes até o fundo mais recôndito da alma; a linguagem roça, como uma brisa leve, a superfície da compreensão [...] Só o símbolo consegue unir o mais diversificado no sentido de uma única impressão global [...] As palavras fazem o infinito finito, os símbolos arrebatam o espírito para além dos limites do finito e mortal até o reino do ser infinito. Eles estimulam intuições, são signos do inefável, inesgotáveis como estes.

O símbolo aproxima o divino do humano, é a ponte que os liga, como as duas metades da mesma medalha. Está presente em todos os momentos em que houver uma passagem, um período de transição da vida humana. Onde a presença do outro (ou Outro) se faz necessária para dar direção e significado a uma ausência, há uma perda ou há uma vitória.

Os símbolos de transcendência dizem respeito à libertação do homem de qualquer forma de vida restrita, da resposta única, do texto de um único sentido.

Os símbolos encontram-se no campo da representação. Signos e símbolos pertencem a níveis diferentes de realidade. Cassirer (1977) considera o homem um animal simbólico, sendo que o signo é uma parte do mundo físico do ser e o símbolo é uma parte do mundo humano dos sentidos.

Assim como na linguagem, o signo para Jung refere-se ao nome de algo e o símbolo remete ao mundo dos sentidos e significados mais profundos e, de certa forma, indizíveis.

O símbolo é vivo enquanto expressa alguma coisa que não tem outra expressão melhor. Quando o símbolo encontra sua expressão máxima, isto é, quando assume uma explicação do que se buscava explicar, ele torna-se um signo e morre como símbolo.

O símbolo depende da estrutura ou condição espirituais de cada homem, ou seja, o símbolo compõe a linguagem da alma e do espírito, pela transcendência, funcionando como um mediador, uma ponte. Como vida, o símbolo é um constante transformador de energia. Energia que torna o homem, sua alma e seu espírito vivos.

## 6. O SÍMBOLO COMO MEDIADOR E TRANSFORMADOR DE ENERGIA

---

O símbolo como a passagem entre os antagonismos psíquicos exerce sua função transcendente de ir além. Os símbolos possuem uma bipolaridade, remetem-se ao duplo aspecto do arquétipo e são o unificador dos pares opostos. Isso significa que o símbolo contém o oculto e o revelado; o conhecido e o desconhecido; o imanente e o transcendente.

A função lançadora de pontes representa o “único contrapeso verdadeiro e preservador da saúde, que a natureza pode enfrentar com esperança de sucesso” (JACOBI, 1995, p. 91).

Na função transcendente do símbolo<sup>4</sup>, acontece a aproximação de pares opostos na busca de uma síntese, na busca das duas metades da mesma medalha. Essa função, para Carl G. Jung, é uma função complexa, composta de várias funções (iniciação; luta por um objetivo; saga do herói; realização do *self*), lidando com a totalidade do ser humano.

O símbolo como transformador de energia tem caráter curativo e restaurador. Para ilustrar essa transformação, recorro à noção de “jardim das religiões” de Clarissa P. Estés (1997, p. 131):

Às vezes, com o objetivo de aproximar uma mulher da natureza da vida-morte-vida, eu lhe peço que cuide de um jardim. Seja ele psíquico, seja ele de lama, de estrume e verdura, bem como de todas as coisas que cercam, ajudam e atacam. Que ele representa a psique selvagem. O jardim é um vínculo concreto com a vida e a morte. Seria mesmo possível dizer que existe uma religião dos jardins, pois eles nos ensinam profundas lições espirituais e psicológicas. Qualquer coisa que possa acontecer a um jardim pode acontecer à alma e à psique – excesso de água, falta de água, pragas, calor, tempestades, enchentes, invasões, milagres, ressecamento, reverdecimento, bênçãos, cura.

O jardim, tomado como um símbolo, funciona como uma ponte para atingir a parte mais profunda da alma humana. Retirando as ervas daninhas, revolvendo a terra para uma nova plantação, semeando e esperando uma nova florada. Quantas vezes já realizamos esse mesmo processo com as dores de nossa alma, quantas vezes tivemos de mexer no nosso jardim interno, para manter viva nossa fé na vida-morte-vida ou para refazê-la. Nesse processo se dá a transformação da energia tanto no mundo objetivo como no mundo subjetivo. É o processo de individuação, um processo de vida-morte-vida.

Para concluir, será nas palavras de Jacobi (1995, p. 105) que encontraremos a justificativa do porquê da escolha da noção de símbolo como função transcendente em Carl G. Jung para compor este trabalho:

<sup>4</sup> A função transcendente do símbolo é explicada por Jolande Jacobi (1995, p. 88-92). Para a passagem entre opostos, ponte entre o divino e o humano, o conhecido e o desconhecido, veja também Carl G. Jung (1964).



Cada época deu ao mistério uma roupagem própria e adequada, mas a nossa era ainda não achou a envoltura do numinoso – desnuda o misterioso, ou o embrulha até que se torne irreconhecível. A psicologia de Carl G. Jung é uma das muitas tentativas para achar a nova envoltura, a nova linguagem e a nova postura capazes de orientar o atual homem racional e evocar nele a compreensão para isso. Assim, ela [a psicologia] é capaz de fazer justiça à saudade do irracional (que quase sempre se perde em desvios), recorrendo ao símbolo, eterno mediador entre o que é apreensível pelo raciocínio e o que não é.

O símbolo busca traduzir o mistério e recorre à linguagem simbólica para sua expressão.

## 7. LINGUAGEM SIMBÓLICA – A PONTE

Podemos, agora, examinar mais de perto a linguagem simbólica. Relembrando a noção de linguagem, temos um conjunto de sons articulados, marcas escritas e gestos que realizam o pensamento e a experiência humanos, na sua totalidade, além de ser um elemento próprio da comunicação social, para a construção das sociedades. Além disso, temos a linguagem como organizadora e estimuladora do pensamento humano. Portanto, o ambiente da linguagem é o pensamento e a experiência humanos, que se materializam por meio de sons articulados, de marcas escritas e de gestos.

Como vimos, a linguagem está presente em todas relações que o homem estabelece, consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o Transcendente.

Sobre os símbolos, temos a dizer que se diferenciam dos signos, dos índices e dos ícones, na linguagem. Representam algo ausente e tocam em núcleos internos profundos e longínquos, para os quais, muitas vezes, a nossa memória não basta. E, o mais importante, o símbolo é uma ponte que aproxima dois pólos, pontos, experiências, mundos, vidas, metades. O símbolo, na sua função transcendente, aproxima pares opostos, contendo em si a imanência e a transcendência.

“Os símbolos assemelham-se a horizontes” nos diz Rubem Alves (1981, p. 22), horizontes que representam o lugar

para onde caminhamos, e são “a testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram”.

Temos uma linguagem simbólica quando há um excesso de vida que necessita de uma expressão, mas ainda contém o desconhecido, ou melhor, o indizível. Mesmo havendo excesso de palavras, não se consegue expressar o que se quer, o que se sente.

Sabemos que o caminho do conhecimento não tem volta, é difícil e muitas vezes é mais fácil jogar fora a luz que ilumina a nossa alma e espírito e ir dormir. Desistir de continuar o trabalho, pesquisar, escrever e ir dormir.

A fonte de energia dessa luz é a transcendência (potencialidade do ser humano; possibilidade de relação e experiência). É ela que alimenta e sustenta a luz do conhecimento, fazendo com que as pessoas enxerguem além do imediato, além do seu próprio nariz.

As informações que passamos a ter tanto revelam tesouros como fraquezas. E é na hora da revelação das fraquezas que queremos jogar tudo fora e ir dormir. Porém, ao fazer isso, estaremos matando a transcendência em nós, apagando a luz que ilumina a ponte que nos liga ao Transcendente e, com isso, começamos a ser menos humanos.

Uma forma de matar a transcendência é pelo bloqueio do símbolo, mais especificamente, da linguagem simbólica, uma vez ser ela a ponte que tem condições de nos fazer ir além dos limites que a nossa existência nos impõe.

---

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O ar e os sonhos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEAINI, Thais Curi. *Máscaras do tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994a.

- BEAINI, Thais Curi. *Um ensaio sobre o homem: antropologia filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 1994b.
- DERRIDA, Jacques et al. *A religião*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ESTÉS, Clarissa P. *Mulheres que correm com lobos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- HERDER, J. G. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Lisboa: Antígona, 1987.
- JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo: na perspectiva de Carl G. Jung*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, Carl G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- KRISTEVA, Julia. *El lenguaje eso desconocido: introducción a la lingüística*. Madri: Editorial Fundamentos, 1998.
- REHFELD, I. *Tempo e religião*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia I – Problemas de fronteira*. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Filosofia 3).
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.